

Manifestação de espírito prova bíblica irrefutável

Um título desse certamente que levará o afoito “adversário” das manifestações dos espíritos a pensar: “lá vem novamente os espíritas citarem a passagem de Samuel aparecendo a Saul e a de Moisés e Elias conversando com Jesus”. Diremos: errou feio! Nossa base será um outro passo que, muito raramente, é percebido como sendo uma manifestação de espírito. Vejamo-lo:

At 16,9-10: “Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio que lhe suplicava: ‘Venha à Macedônia e ajude-nos!’ Depois dessa visão, procuramos imediatamente partir para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para anunciar aí a Boa Notícia”.

A expressão “um macedônio” dá-nos como certo o fato de que uma pessoa viva, que residia na Macedônia, esteve em espírito junto a Paulo, suplicando-lhe auxílio. É bom ressaltar que se essa manifestação foi entendida como sendo um chamado dos céus, então por que motivo as que acontecem com os espíritos desencarnados não seria de Deus, mas como um produto satânico ou demoníaco? Aos que consideram a carne uma coisa pecaminosa, isso deveria acontecer de forma contrária, ou seja, se o espírito que se manifesta está vivo, seria obra de satanás. É, infelizmente a ignorância tem dado poder demais a um ser que só existe no imaginário dos fundamentalistas dogmáticos...

A questão, que se coloca, é: isso pode acontecer? Bom, pergunta nesse sentido Kardec fez aos espíritos: “O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições?”; a resposta foi: “Facilmente, se o vivente dorme”. Desenvolvendo, Kardec explica-nos:

Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou pelo menos experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito frequentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente. (KARDEC, 2001, p. 138).

Como iremos saber se o espírito que se manifesta é de uma pessoa viva ou se é um espírito desencarnado? Encontramos a abordagem desse assunto, num artigo denominado de “O laço do Espírito e do corpo”, do qual transcrevemos o seguinte:

[...] O senhor R..., antigo ministro residente nos Estados Unidos, junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, vindo nos ver, perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, nunca havíamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; em uma palavra, se, quando um Espírito aparece espontaneamente, seja durante a vigília, seja durante o sono, temos um meio de reconhecer se a pessoa está morta ou viva. Sobre nossa resposta de que disso não conhecemos além do que perguntá-lo ao Espírito, ele nos disse conhecer na Inglaterra um médium vidente, dotado de um grande poder, que, cada vez que o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava **um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo**. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva. (KARDEC, 1993a, p. 128). (grifo nosso).

Portanto é fácil identificar o espírito de uma pessoa viva por ter o cordão fluídico, que, mesmo a qualquer distância, o mantém ligado ao corpo físico.

Na Revista Espírita – ano 1860, há vários exemplos de evocação de pessoas vivas. Em março de 1860, publica o artigo “Estudo sobre os espíritos de pessoas vivas”, no qual se reporta à evocação do Dr. Vignal, para estudo desses casos (p. 81-88). Provavelmente o resultado dessa pesquisa é o que consta em *O Livro dos Médiuns* (Cap. XXV – Das evocações, item 284 - Evocação das pessoas vivas), do qual transcrevemos estas questões:

38ª Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

"Pode-se, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. **O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado**; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica."

39ª Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

"**Dorme, ou cochila**; é quando o Espírito está livre."

43ª É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?

"Ainda que difícil, não é absolutamente impossível, porquanto, se a evocação produz efeito, pode dar-se que a pessoa adormeça; mas, **o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo**." (KARDEC, 2007, p. 384-392). (grifo nosso).

Assim, podemos dizer que é certa a possibilidade da manifestação, via mediúnica, de um espírito encarnado; entretanto, há uma condição para que isso aconteça, qual seja a dele estar dormindo ou numa situação em que a presença do seu espírito não esteja sendo necessária à atividade inteligente do corpo físico.

Champlin, ao analisar esse fato acontecido com Paulo, diz:

Qual foi a natureza dessa visão? Não foi simplesmente uma forma de sonho, embora, algumas vezes, os sonhos *possam ser* muito significativos, como meios orientadores na vida, em termos gerais; e existem mesmo sonhos que nos podem orientar sobre questões específicas. (...) Essa experiência de Paulo, entretanto, mui provavelmente tomou a forma de uma "aparição". Essa aparição poderia ter uma forma *irreal*, no sentido de que nenhuma pessoa verdadeira ou espírito chegou até à presença de Paulo, mas antes, o formato humano que apareceu foi simplesmente uma criação da providência divina. É possível que o que teve lugar, nessa oportunidade, seja o varão que foi visto, foi a forma real da alma, ou seja, a projeção da psique do varão da Macedônia. Nesse caso, alguma pessoa *real* esteve envolvida nesse caso, a qual, mediante algum meio estranho e misterioso, teve permissão de aparecer a Paulo.

Os modernos estudos no campo da parapsicologia têm demonstrado que a alma de uma pessoa qualquer pode vaguear algumas vezes independentemente do corpo, obtendo ou dando informação. Para certos indivíduos, isso é uma ocorrência comum, e, para outros, sucede com grande raridade. Uma das mais poderosas evidências em prol da *sobrevivência da alma* após a morte física é a teoria de que atualmente está sendo estudada a sério nos meios universitários, e que envolve o fenômeno da *bilocalização*, que sucede até aos nossos próprios dias. Perguntamos: **se a inteligência de um homem pode projetar-se para fora do corpo, até mesmo nesta vida, por que essa inteligência não poderia sobreviver à morte física?**

Charles Tart, professor de psicologia da Universidade da Califórnia, em Davis, nos Estados Unidos da América do Norte, nos últimos anos da década de 1960, fez experiências diversas com a questão das *projeções psíquicas*, das quais resultaram um relatório favorável à possibilidade da bilocalização da personalidade humana.

No caso dessa visão de Paulo, alguns intérpretes bíblicos pensam que um anjo, que teria assumido uma forma humana, apareceu ao apóstolo, transmitindo-lhe a mensagem orientada do que necessitava e isso é uma forte possibilidade. (CHAMPLIN, 2005, p. 330-331). (grifo nosso).

É bom saber que a Parapsicologia vem comprovando o que o Espiritismo já demonstrou há muito tempo, ou seja, a realidade das manifestações espirituais.

Vejamos um caso semelhante ao que foi narrado em Atos:

Uma aparição providencial

Leu-se no *Oxford Chronicle* de 1º de junho de 1861:

"Em 1828, um navio que fazia as viagens de Liverpool a New Brunswick tinha por imediato um Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos de Newfoundland, o capitão e o imediato calcularam em um dia sua rota, o primeiro em sua cabine e o segundo no quarto ao lado; as duas peças estavam dispostas de maneira que se podia ver e se falar de uma para a outra. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão subiu para a ponte; sem olhar, disse-lhe: Eu encontro tal longitude; como é a vossa? Não recebendo resposta, repetiu sua pergunta, mas inutilmente. Ele avança então para a cabine e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo sobre a sua ardósia. O indivíduo se voltou, olhou Bruce fixamente, e este, terrificado, se lançou para a ponte. -Capitão, disse ele quando encontrou este último, quem pois está na vossa escrivania neste momento

em vossa cabine? -Mas ninguém, eu presumo. - Eu vos certifico que há um estranho. - Um estranho! Sonhais, senhor Bruce; quem ousaria se meter em meu gabinete sem minhas ordens? Talvez vistes o contramestre ou o intendente. -Senhor, é um homem sentado em vossa poltrona e que escreve sobre a vossa ardósia. Ele me olhou na face, e o vi distintamente ou jamais vi ninguém neste mundo. - Ele! Quem? - Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, não vi em outra parte. - Tornastes-vos louco, senhor Bruce; um estranho! E eis seis semanas que estamos no mar. - Eu o sei, e, entretanto, eu o vi. - Pois bem! Ide ver quem é. - Capitão, sabeis que não sou poltrão; não creio em fantasmas; entretanto, confesso que não desejo vê-lo sozinho em frente; gostaria que para ali fôssemos os dois. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. - Vedes bem, disse ele, que sonhastes. - Não sei como isso ocorreu, mas vos juro que estava ali há pouco e que escrevia sobre a vossa ardósia. - Nesse caso ali deve haver alguma coisa escrita. Ele tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi ao nordeste*.

Tendo feito escrever essas mesmas palavras por Bruce, e por todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou que a escrita não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não se descobriu nenhum estranho. O capitão, tendo consultado para saber se deveria seguir esse aviso misterioso, decidiu-se a mudar a direção e navegou para o nordeste, depois de colocar na vigia um homem seguro. Pelas três horas um pedaço de gelo foi assinalado, depois um navio desmastrado sobre o qual se viam vários homens. Chegando mais perto, soube-se que o navio havia rompido, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram embarcações para recolhê-los; mas, no momento em que chegavam a bordo, o Sr. Bruce, com grande estupefação, reconheceu entre os naufragos o homem que vira na cabine do capitão. Logo que a confusão se acalmou e que o navio retomou a sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: - Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia sobre a vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar; ei-lo; eu o jurei diante da justiça.

"O capitão indo até esse homem, convidou-o a descer em sua cabine e pediu-lhe para escrever sobre a ardósia, do lado oposto àquele onde se encontrava a escrita misteriosa: *Dirigi ao nordeste*. O passageiro, intrigado com esta pergunta, não se conformou de nenhum modo com isso. O capitão, tendo pegado a ardósia, virou-a sem disfarçar, e mostrando ao passageiro as palavras escritas precedentemente, disse-lhe: - Está bem aí a vossa escrita? - Sem dúvida, uma vez que acabo de escrever diante de vós. - E esta? acrescentou ele mostrando-lhe o outro lado. - Também esta é minha escrita; mas não sei como ela se fez, porque não escrevi senão de um lado. - Meu imediato, que aqui está, pretende vos ter visto hoje, ao meio-dia, sentado diante desta escrivaninha e escrevendo estas palavras. - É impossível, uma vez que não me conduziram sobre este navio senão há um instante.

"O capitão do navio naufragado, perguntado sobre esse homem, e sobre o que poderia ter se passado de extraordinário nele na manhã, respondeu: - Eu não o conheço senão como um de meus passageiros; mas um pouco antes do meio-dia, ele caiu num sono profundo do qual não saiu senão depois de uma hora. Durante seu sono, ele expressou a confiança de que seríamos logo libertados, dizendo que se via a bordo de um navio do qual ele descreveu a espécie e os petrechos, em tudo conforme com aquilo que vimos alguns instantes depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava nem de ter sonhado, nem de ter escrito o que quer que seja, mas somente que tinha conservado do sonho um pressentimento do qual não se dava conta, de que um navio vinha em seu socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo que está sobre este navio me parece familiar, e, todavia, estou muito seguro de nunca aqui ter vindo. Lá em cima o senhor Bruce contou-lhe as circunstâncias da aparição que tivera, e concluíram que esse fato fora providencial".

Esta história é perfeitamente autêntica; o senhor Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que a narrou igualmente em sua obra, cercou-se de todos os documentos que podem constatar-lhe a veracidade. [...] (KARDEC, 1993b, p. 199-201).

Kardec, explicando as aparições, disse: "O fenômeno da aparição pode se produzir de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê; ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar o outro. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente os dois casos". (KARDEC, 1993b, p. 197).

Certamente, que o caso acontecido com Paulo se enquadra na primeira hipótese, ou seja, o espírito que vem encontra a pessoa que vê. Um exemplo de um caso que representaria a segunda hipótese, quando o espírito da pessoa que vê se transporta e vai encontrar o outro, podemos encontrar no livro de Reis; leiamos:

"Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: 'Onde é que você foi, Giezi?' Ele respondeu: 'O seu servo não foi a lugar nenhum'. Mas Eliseu retrucou: "'Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você?...'". (2Rs 5,25-26).

Pelo relato, o espírito de Eliseu se transportou para o local onde se encontrava o seu servo chamado Giezi e viu o que ele estava aprontando (pediu dinheiro a Naamã), a ponto de deixá-lo numa situação embaraçosa ao desmenti-lo.

Portanto, temos a comprovação bíblica para as duas situações propostas por Kardec; o problema é que ninguém se dá conta disso. Nem mesmo esse artigo conseguirá alguma coisa, pois a experiência tem-nos dito, que as pessoas acreditam naquilo que querem (especialmente naquilo que seus líderes religiosos dizem), pouco importa se é verdadeiro ou não; esse dilema não lhes persegue a mente.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abril/2009.

Referência bibliográfica:

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993a.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. *Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento interpretado versículo a versículo. São Paulo: Hagnos, 2005.

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. 43ª impr. São Paulo: Paulus, 2001.